

O CULTO DA VIRGEM MARIA EM MINAS: DUAS INVOCAÇÕES

AILTON BATISTA DA SILVA *

A presente comunicação é breve informe sobre a iconologia de duas imagens raras em Minas Gerais – Nossa Senhora da Pobreza e Nossa Senhora do Trabalho – objeto de pesquisa em andamento. As duas ocorrências estudadas foram encontradas no distrito de Biribiri e no município de Berilo, ambos no Vale do Jequitinhonha.

A pesquisa tem sido realizada por meio de coleta de dados em campo, em arquivos eclesiásticos e em documentação secundária e pela análise arquitetônica das capelas, além de análise histórica, estilística, iconológica e iconográfica das imagens em questão. Ainda que os dados coletados sejam parciais, não nos impedem de levantar algumas considerações. Com isso procuraremos oferecer uma pequena contribuição aos estudos da imaginária brasileira, no sentido de ressaltar a importância da análise iconológica nos processos de preservação e restauro.

O culto mariano é uma das manifestações da religiosidade popular mais difundidas em território mineiro e remonta ao período colonial. A devoção de Nossa Senhora esteve presente desde o pequeno oratório carregado pelos desbravadores do sertão à procura de ouro até os dias atuais.

Introdução

Na Bíblia há várias narrativas sobre a trajetória marcante da vida de Maria, personagem significativa da história do Cristianismo que, agindo silenciosamente, contribuiu para sua compreensão e difusão.

Maria pertencia à comunidade judaica e, como todas as moças judias de sua época, seguia as tradições, normas e mandamentos religiosos. Segundo o Proto-evangelho de Tiago, manuscrito do século I, que narra o nascimento e a infância de Jesus de Nazaré, Maria fora votada ao serviço do Templo de Jerusalém, voto feito por seus pais a um anjo que os visitara antes de sua concepção. Com a idade de três anos, foi levada por Joaquim e Ana para ser educada e prestar os serviços necessários ao Templo, tendo ali servido durante dez anos. Nessa época, teria feito voto de castidade para toda a vida. Aos treze anos, voltou ao convívio de seus pais a fim de desposar José de Nazaré, um homem do povo, um carpinteiro.

Segundo a narrativa do Novo Testamento, Maria era uma jovem na puberdade, virgem, quando concebeu seu único filho, Jesus, pela intercessão do Espírito Santo (cf. Lc. 1 26-35). Foi saudada pelo Arcanjo Gabriel como "cheia de graça, o Senhor é convosco" (cf. Lc. 1,28), em frase única de Deus nas Sagradas Escrituras, refletindo a especial santidade de Maria. Esse cumprimento ocorreu antes da aceitação do papel que lhe foi proposto por intermédio do Arcanjo Gabriel, o que revela que a santidade lhe foi dada de antemão pela graça de Deus.

Maria teve participação ativa em toda a vida de Jesus Cristo. Ela cuidou d'Ele durante Sua infância, segundo o evangelho de São Mateus (1,18-2, 23), procurou por Ele no Templo, quando pensou que estivesse perdido. Maria o assistiu durante sua adolescência (cf. Lc. 2,51-52) e intercedeu junto a Ele no Casamento de Caná (cf. Jô. 2,2-5), ação que ilustra a importância que tinha diante do filho, por antecipar a profecia, promovendo o primeiro milagre.

Segundo a narração da cena dolorosa do Calvário descrito por João 19,26: "Vendo a



Figura 1 - Imagem de Nossa Senhora dos Pobres e Igreja ao fundo. Berilo, MG

* Especialista em Conservação e Restauração
Instituto Estadual do Patrimônio
Histórico e Artístico de Minas Gerais
ailton.silva@iepha.mg.gov.br

Foto Prefeitura Municipal de Berilo



Figura 2 - Imagem no andor
Festa de Nossa Senhora dos Pobres

mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, Jesus disse para a mãe: "Mulher, aí está o teu filho". Nessa afirmação, Deus promete à humanidade a salvação, assim como a participação da mulher do Gênesis: "Sua descendência esmagará a cabeça da serpente". A escolha de Maria é percebida após o martírio de seu Filho e sua importância na religião católica, demonstrada por sua perseverança. Entregando sua mãe ao discípulo preferido, o apóstolo João, na Cruz, Jesus toma-a Mãe de todos os seus seguidores e a Mãe da sua Igreja. Nessa passagem, os evangelistas narram o procedimento de Jesus para com sua mãe como a "mulher" que vem para participar da salvação da humanidade, conforme Gênesis 3,15 "E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar."

Cumprindo seu destino Maria tem, ao longo da história, se manifestado a alguns fiéis. A Igreja Católica valorizou tais aparições e procurou difundir o local onde se deram pela construção de basílicas, igrejas e capelas em honra à presença sobrenatural de Maria nesses locais, dentre os quais podemos citar:

Título	Local	Vidente	Ano
Nossa Senhora das Neves	Itália	João de Roma e esposa	352
Nossa Senhora do Rosário	Espanha	S. Domingos de Gusmão	1208
Nossa Senhora das Dores	Itália	Sete nobres	1233
Nossa Senhora do Monte Carmelo	Inglaterra	S. Simão Stock	1251
Nossa Senhora da Penha	Espanha	Simão Vela	1434
Nossa Senhora de Guadalupe	México	Juan Diego	1531
Nossa Senhora da Misericórdia	Itália	Antonio Botta	1536
Senhora da Conceição Aparecida	Brasil	D. Garcia, J. Alves, F. Pedroso	1717
Nossa Senhora de Lourdes	França	Stª Bemadete Soubirous	1858
Nossa Senhora da Esperança	França	Seis crianças	1858
Nossa Senhora de Fátima	Portugal	Lucia dos Santos, Jacinta e Francisco	1917
Nossa Senhora dos Pobres de Banneux	Bélgica	Mariette Beco	1933

O culto aos santos e, em especial, à Virgem, do ponto de vista dos princípios e fundamentos da religião católica, teve como marco o Concílio de Trento (1545 – 1563), que retomou os princípios do Concílio de Nicéia (787) para refutar as críticas dos reformistas protestantes no que dizia respeito à acusação de idolatria.

O texto tridentino prescrevia que a imagem dos santos serviria à instrução religiosa do "povo ignorante" e deveria ser utilizada com critério. As prescrições estabelecidas foram propagadas a partir de 1577 pela obra de Carlo Borromeo, bispo de Milão e, no Brasil, pelas Constituições do Arcebispado da Bahia (1717) e, posteriormente, pelas visitas pastorais. O Concílio de Trento, na sessão XXIV, em 3 e 4 de dezembro de 1563, teve como tema principal A invocação, a veneração e as Relíquias dos Santos e as Sagradas Imagens que, após longas discussões e debates, foi incluído nos artigos 984 a 988. Já na seguinte e última sessão, XXV, de 3 e 4 de dezembro, foram acrescentados decretos sobre o purgatório, a indulgência e a veneração dos santos, suas relíquias e imagens.

A imagem de um santo tem o mesmo valor de lembrança que a estátua de um herói ou a foto de uma pessoa querida. As imagens da Virgem, objetos materiais que são, não têm poder em

si. Seu valor está na lembrança da pessoa de Maria. A Igreja aprova a veneração, a atitude de culto, o amor filial a Maria, mãe de Jesus. Jamais a adoração, que só é devida a Deus. À devoção chamamos hiperdulia (grande dependência filial), diferente de latria (adoração).

Segundo a iconografia das igrejas orientais, Maria é a hodogitria, isto é, aquela que mostra o caminho. "Ela é o canal misterioso, o aqueduto pelo qual passam abundante e docemente suas misericórdias", revela-nos S. Luís de Monfort.

Durante os vinte séculos de Cristianismo, as primeiras hiperdulas de Nossa Senhora no Brasil seguiram os padrões de origem litúrgica, histórica ou popular, como Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Ó, da Assunção e outras iconografias. As Nossas Senhoras históricas são aquelas que recebem o nome do lugar onde se iniciou seu culto, como Nossa Senhora de Lourdes, de Fátima, de Nazaré, de Guadalupe e outras.



Figura 3 – Vista parcial da vila de Biribiri

As diversas representações da Virgem Maria

As primeiras imagens de Nossa Senhora foram as Virgens Orantes das Catacumbas, representadas de pé, rezando com os braços abertos, como era costume do Cristianismo primitivo. A partir das "Lamentações" da Paixão da Virgem Maria de São Bernardo (1055-1133), no século XV, as narrações de Santa Brígida foram a inspiração para a representação da Santíssima Virgem, descrevendo as cenas mais importantes de sua vida, como o nascimento de seu filho Jesus Cristo. A partir desse século, a humanidade começa a fazer diferentes invocações de Nossa Senhora conforme sua aparição e o momento de sua vida: do Rosário, do Carmo, das Mercês, das Angústias e da Piedade.

No final da Idade Média, a representação da Virgem Maria se dá numa simples mãe carinhosa que contempla o filho, ainda na infância, ou tendo o Menino Jesus no colo. Outras vezes é retratada como Mãe Dolorosa, sofredora, de expressão angustiada, lagrimosa, piedosa, junto à cruz do Calvário. As efígies de Nossa Senhora, no estilo bizantino, eram feitas em madeira ou mosaicos, baseadas na retratação realizada pelo evangelista Lucas, numa posição geralmente hierática, olhos fixos. Nesse modelo chegaram ao Brasil imagens e santinhos de Nossa Senhora das Neves, do Perpétuo Socorro, do Povo.

O Culto à Virgem Maria nas Américas

A expansão ibérica em direção à América, à África e ao Oriente foi sempre pautada pelo espírito missionário que legitimava o poder real e encontrou, por um lado, território fértil para a catequese e para a evangelização; por outro, a impossibilidade de deter a expansão do culto aos santos e à Virgem, conforme a prescrição tridentina.

Quando Cristóvão Colombo chegou às terras americanas, trazia nas mãos um estandarte que tinha estampadas as imagens de Nossa Senhora e de Jesus. Em São Domingos foi construída a primeira igreja da América, consagrada a Jesus Cristo, tendo início a evangelização dos povos nativos. Os conquistadores procuraram conquistá-los não pela força, pela imposição do poder econômico, social ou bélico, mas pela fé.

Foto: Acervo do Iepha/MG



Figura 4 - Capela do Sagrado Coração de Jesus. Biribiri, Diamantina, MG

Algumas consagrações à Virgem nas Américas:

Argentina	Nossa Senhora da Luján	Honduras	Nossa Senhora de Suyapa
Bolívia	Nossa Senhora de Copacabana	México	Nossa Sra. de Guadalupe
Brasil	Nossa Senhora de Aparecida	Nicarágua	Nossa Senhora de "El Viejo"
Chile	Nossa Senhora do Carmo de Maipú	Panamá	Santa María La Antigua
Colômbia	Nossa Senhora de Chiquirá	Paraguai	Nossa Senhora de Caacupé
Costa Rica	Nossa Senhora dos Anjos	Peru	Nossa Senhora das Mercês
Cuba	Virgem da Caridade do Cobre	Porto Rico	N. Sra. da Divina Providência
Equador	Nossa Senhora de El Quinche	República Dominicana	Nossa Senhora de Coromoto

Dentre essas, merece destaque o culto à Virgem de Guadalupe, no México, dado cultural emblemático para a história das Américas. O historiador e filósofo inglês Arnold Toynbee chegou a preconizar que o nascimento dessa nova personalidade histórica que chamamos "América Latina" ocorreu na localidade mexicana de Guadalupe e está sintetizada no rosto mestiço de Maria, que, reconhecendo a dignidade dos indígenas, não é uma Mãe estranha e estrangeira, mas perfeitamente integrada a sua cultura, assumindo seus símbolos.

Nossa Senhora dos Pobres – Berilo Vale do Jequitinhonha

As primeiras informações sobre a tradição popular de invocação a Nossa Senhora dos Pobres ou Nossa Senhora da Pobreza datam do século XVII, em Lisboa, Portugal, quando operários que escavavam os calabouços da nova casa do alcaide-mor, no Largo do Poço do Borratém, residência do Conde de Monsanto encontraram nos escombros uma imagem de Nossa Senhora. Seguindo a tradição popular, logo a invocaram como Nossa Senhora da Pobreza. Compreendendo a urgência de atender aos anseios populares, o alcaide-mor julgou oportuno transportar a imagem para a Igreja de Santa Cruz do Castelo. A partir desse "milagre" ou "aparição", o culto se propagou e ainda hoje se mantém.

No terremoto de 2 de novembro de 1755, que atingiu a cidade de Lisboa, a imagem de Nossa Senhora dos Pobres foi novamente perdida nos escombros. Para manter a tradição popular da devoção, a Igreja de Santa Cruz do Castelo transportou para uma representação simplória de Nossa Senhora da Conceição o simbolismo da antiga imagem, mantendo a crença e a fé naquela que até os dias de hoje é venerada como Nossa Senhora da Pobreza.

Em Portugal, nas festas da Epifania do Senhor (a revelação aos homens) a imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus sob o pálio sai, a partir das 16 horas, em pomposa procissão no bairro de Santa Cruz a percorrer as ruas e becos das redondezas. A restauração do culto a Nossa Senhora da Pobreza se deu em 1994, a partir da recuperação da Igreja de Santa Cruz do Castelo. Conforme narra o professor Jorge Teles, "quando iniciamos, em 1994, a recuperação da Igreja de Santa Cruz do Castelo, quisemos também restaurar os cultos a ela associados".

Outra fonte de informação sobre Nossa Senhora dos Pobres é a obra de autoria do Reitor Georg Jakob Banneux, N. D., referente aos relatos da aparição da Virgem dos Pobres em Banneux, na Bélgica, em 1933. Os relatos narram as oito aparições da Santíssima Virgem a uma pobre garota, Marieta Wegimont, na aldeia de Banneux Notre Dame, em pequeno platô a 25km de Lieja, capital da província de Ardenes, e as revelações da Virgem ao povo da aldeia. Surgiu, então, o culto a Nossa Senhora, que se propaga pelos arredores e hoje tem projeção nacional e internacional.

O município de Berilo situa-se no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais – um dos lugares mais pobres do Brasil – e é de grande importância para a história mineira. Foi, no século XVIII, região rica em jazidas de diamantes e veios de ouro. O declínio da mineração teve na agricultura a solução de sobrevivência.

Foi ali que se instalou a primeira capela dedicada a Nossa Senhora dos Pobres em terras brasileiras, inaugurada em 8 de setembro de 1949, dezesseis anos depois da aparição em Banneux. Uma cópia da imagem da Virgem foi cedida pela belga Mariana e trazida para Berilo pelo padre Henrique Vander Feestem. A imagem é moldada em gesso, policromada nas cores branco e azul, com carnação rosa claro em representação que lembra a de Nossa Senhora de Lourdes (Fig. 1). Sua veste é branca com faixa azul, a cabeça é coberta e tem decoração *art déco*.

No dia 5 de maio, realiza-se em Berilo grande homenagem a Nossa Senhora dos Pobres quando para a pequena capela se dirige a comunidade do Vale do Jequitinhonha. A festa começa com fogos que despertam os devotos e, em seguida, é celebrada a primeira missa. À tarde, uma grande procissão, com ladainhas e orações percorre ruas e becos, tendo as casas suas portas, janelas e varandas enfeitadas com vasos de plantas e toalhas ou colchas artesanais. A festa termina ao anoitecer, com a benção na escadaria da Capela de Nossa Senhora dos Pobres (Fig. 2 e 3).

Nossa Senhora do Trabalho – Biribiri, Diamantina

Essa devoção foi criada pelo Beato Guanella, fundador das congregações Servas da Caridade e Filhas de Santa Maria da Providência.

Segundo o culto, José, que esposou a Virgem Maria, era carpinteiro e, em razão disso, Nossa Senhora é também invocada como padroeira dos trabalhadores. "Maria aceitava a parcela de seu trabalho e o executava na esperança de quem semeia para amanhã colher, de quem faz a árvore crescer para, amanhã, recolher-se à sombra amiga. O trabalho é o transformador do mundo." Maria teria percebido que não era a recusa de trabalhar que gerava o emperramento da criação, mas a recusa das estruturas de dar trabalho: de um lado o mundo por fazer, de outro, os homens obrigados a conservar-se de braços cruzados, esterilizando a maravilhosa realidade que nasce do encontro do trabalho com a criação. Assim, na simplicidade de sua função doméstica, colocou-se inteiramente à disposição das tarefas que lhes foram designadas, ciente de que, por sua fidelidade em executá-las, traria sua colaboração a toda a família, não apenas por produzir bens de consumo que se podem pesar e medir, mas para gerar o bem-estar ambiental responsável pelos sadios relacionamentos dos membros da pequena comunidade familiar.

Trabalhadores de diversas profissões fazem invocação a Nossa Senhora do Trabalho, pedindo proteção, força e coragem na lida diária para suportar a dureza, o cansaço e a desigualdade da jornada de trabalho. Também oram a Maria os desempregados, para conseguir uma ocupação, um labor, um trabalho para sobreviver e sustentar a família.

O distrito de Biribiri, pertencente ao município de Diamantina, na Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, foi fundado pela arquidiocese de Diamantina para a implantação de complexo industrial têxtil. A implantação da fábrica de tecidos no século XIX, por iniciativa dos irmãos Felício dos Santos, encabeçada por D. João Antonio dos Santos, primeiro bispo de Diamantina, utilizou, principalmente, mão-de-obra de meninas e mulheres órfãs ou carentes da região do Vale de Jequitinhonha. No ano de 1876, teve início o funcionamento da fábrica de tecidos com o maquinário vindo de Massachusetts, transportado pela encosta da serra no lombo de mulas e em carros de boi (Fig. 4).

A planta da cidade foi planejada de acordo com a fábrica, os galpões, a alameda das casas dos operários, o pensionato para meninas e mulheres, o armazém e a escola. O distrito foi polo industrial tão importante que o relógio da torre da Igreja do Sagrado Coração de Jesus foi



Figura 5 - Imagem de Nossa Senhora do Trabalho. Biribiri, Diamantina, MG

Foto: acervo do Iepha/MG



Figura 6 - Atributos da imagem de Nossa Senhora do Trabalho confeccionados em ouro e diamantes e doados pelas operárias da fábrica de tecidos

doado pela família real portuguesa a Dom Felício dos Santos. O sino foi fundido na própria fábrica de tecidos. A Igreja foi erguida a partir das doações das moças do pensionato que, nas horas vagas, garimpavam ouro e diamantes e negociavam os frutos obtidos dessa tarefa.

Houve uma época, lá pelo princípio de 1900, a fábrica faliu completamente e os operários ficaram sem emprego. Então pediram para minerar naquele rio que toca a fábrica e fizeram uma promessa: se conseguissem resolver este problema e conseguissem reaver tudo, eles mandariam confeccionar jóias de ouro e filigrana para os santos. Então fizeram um coração de Jesus maciço, um coração de Maria, uma coroa pra Jesus, uma coroa pra Maria e a chave do sacrário de ouro. (entrevista com Dom A. Conceição Duarte em outubro/91 e março/98).

A imagem de Nossa Senhora do Trabalho, também adquirida pelas operárias da fábrica, se encontra na capela lateral da igreja (Fig. 5). É moldada em gesso e policromada nas cores branca, terra, azul, verde, ocre e carmim, com camação bege. É a representação de jovem assentada em banco, vestindo túnica branca, uma longa capa com capuz cerúleo, braços cruzados sobre as pernas e pés apoiado num mocho. Na lateral direita, cesto aberto com mechas de algodão e fuso de fiar compõem a cena.

Conclusão

No Brasil, mantendo as diferenças devidas, aconteceu algo semelhante ao ocorrido na América do Norte, no que se refere à evangelização e à inserção dos africanos na sociedade colonial. Aqui, Nossa Senhora do Rosário, conforme a lenda enviada por Deus, aderiu aos ritos dos africanos e de seus descendentes que se colocaram como os verdadeiros difusores da fé cristã. O culto de Nossa Senhora do Rosário é fruto de diversas contribuições – lusas, africanas, brasileiras e se insere no cotidiano das populações, assim como é o caso de Guadalupe.

Com o advento da República e da instalação do estado laico, o culto mariano não arrefeceu em Minas Gerais, como se pode constatar pela continuidade das práticas devocionais que se configuram como referências culturais. No século XX, impulsionado pelo grande número de reformas e de construções de novos templos, o culto teve grande estímulo pela introdução de novas invocações da Virgem.

As imagens de Nossa Senhora fazem, tradicionalmente, referência a sua infância, juventude, maternidade e à paixão e morte de seu filho ou, nas aparições, ao lugar onde se deu. Aqui, entretanto, as referências são outras. Registram outro conteúdo simbólico que diz respeito ao homem e a sua condição. Assim, por trabalho pode-se entender a falta dele e a inevitável pobreza. É contra essa situação que a santa intercede junto a Deus por seus filhos. E é contra essa condição – do não-trabalho e da pobreza – que o homem luta. Homens e mulheres de Berilo construíram sua singela capela, entronizaram sua santa, cobrindo-a de presentes (Fig. 6). Os operários e operárias de Biribiri rezam por sua santa e rememoram os tempos do trabalho. Ambos transcendem as vicissitudes de seu cotidiano pela cultura e arte.

Por fim, nós, restauradores, devemos perceber que, mesmo imagens de lavra recente, fabricadas em série, recobrem-se de atributos outros que não a matéria de que são feitas. O valor atribuído a essas imagens é da ordem do simbólico, do intangível e, portanto, da cultura, campo privilegiado de nosso ofício.

Agradecimentos

A todos os técnicos do IEPHA/MG que colaboraram para este trabalho, principalmente Tarcisio Guadalupe Sá Ferreira Gomes e Ângela Dolabela Cãnfora.

REFERÊNCIAS

- ADUCCI, Edésia. Maria e seus gloriosos títulos. Juiz de Fora: Editora Lar Católico. 1967.
- BAGGIO, Frei Hugo D. Nossa Senhora de todos os dias. São Paulo. Edições Paulinas. 1985
- BANNEUX, Jakob Georg. Reitor. ND. Relatos da narração da aparição da Virgem dos Pobres em Banneux. Em 1933 trad. Becker, Pascoal Frei. Maceió, Alagoas.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte. Saterb. 1971.
- Conjunto Arquitetônico e paisagístico de Binbirí. Decreto tombamento homologado em 11/11/98. IEPHA/MG.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1982
- CARDOSO, Joel. Benção e fé. São Paulo, Editora Minuano Ltda.
- FARIA, Jacir de Freitas. História de Maria, Mãe e Apóstola de seu Filho, nos Evangelhos Apócrifos. Petrópolis: Vozes. 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário de língua portuguesa. 2ª ed. Ampl. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986
- GAMA, Lélia Vidal Gomes da. Devoção e nostalgia. Informação histórico-litúrgica sobre o catolicismo e o culto da Virgem Maria em Minas Gerais. Belo Horizonte, Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, 1984.
- JEDIN, Hubert. Concílios ecumênicos história e doutrinas. São Paulo: Editora Herder. 1961.
- JUNIOR, Augusto de Lima. História de Nossa Senhora em Minas Gerais (origens das principais invocações). Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1956.
- MACHADO, Filho Aires da Mata. Arraial do Tijuco. Cidade Diamantina. São Paulo: Martins. 1957.
- MEGALE, Nilza Botelho. Invocações da Virgem Maria no Brasil. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MINAS GERAIS. MONUMENTOS HISTÓRICOS E ARTÍSTICOS. Circuito do Diamante. Barroco 16. Belo Horizonte. Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais. 1994.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. De viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil. Belo Horizonte. Itatiaia. 1979.
- SILVEIRA, Vicente. Expansão da igreja católica em Minas Gerais. Belo Horizonte, Imprensa Oficial. 1983.
- SOUZA, Wladimir Alves de (coord.) Guia dos bens tombados Minas Gerais. Rio de Janeiro. Expressão e cultura. 1984.
- TRINDADE, José da Santíssima, Dom Frei. Visitas pastorais (1821.1825). Centro de estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. 1998.
- ZANON, Frei Darlei. Nossa Senhora de todos os nomes - Orações e história de 260 títulos marianos. 2ª ed. São Paulo: Paulus. 2006.